

ALVORADA

2.º Ano

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 53

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Imprensa da ALVORADA
Guimarães, 23 de novembro de 1911

Secretario da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães
Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranense
R. DE PAYO GALVÃO

O EGOISMO NACIONAL

As sociedades actuaes, desde as mênos civilizadas até as mais altamente cultas e progressivas, todas são caracterizadas pelo mutuo e commum esforço para a sua conservação e progresso. Quantos séculos de esforços, de luctas, de trabalhos e canceiras foram precisos para que a helice ascendente da civilização trouxesse os povos cultos á luz da sua alta missão?

Quantos povos sucumbiram na lucta, após séculos de glorias, deixando apenas a documentar a sua grandeza passada, estranhos monumentos e lendarias tradições, que a garra adunca do tempo vae reduzindo a pó e ao esquecimento?

A formosa lenda dos Atlântidas, a não mênos celebre dos Incas americanos, e as poeticas e sonhadoras religiões orientaes, fazem-nos entrevêr num nimbo de phantastica luz, civilizações ha muito extinctas, de que só nos restam, d'algumas, apenas o echo longiquo, repetido pelo marulhar das ondas, que são as lagrimas e o sudario dos povos e cidades que repousam nos seus abysmos!

Morrem os homens, morrem os povos e nacionalidades, desabam e pulverizam-se os monumentos e esvaem-se as tradições, só o facho, o thesouro da civilização, não se extingue! Pode mudar de lugar, de região, de clima; pode o vendaval das paixões humanas, o fragôr dos cataclismos fazer-lhe oscillar a chamma empannar o brilho, mas, por cada geração que passa, esse pharol recebe novo alento, esse thesouro, novo oblo, e lá vae seguindo a sua curva ascendente para a perfeição. A humanidade que é eterna, tem por alma a civilização. Aperfeiçoar a humanidade é desenvolver a civilização, torna-la boa, clemente, tolerante, poupal-a ao mal e proporcionar-lhe o bem é fazer brilhar com tódo o fulgôr a civilização.

A civilização não é a obra d'um só homem, d'um só povo, d'um só século, é o thesouro accumulado pelo trabalho de innumeradas gerações, é a herança da humanidade. Para reunir este esplendido thesouro necessario foi que o homem vencesse não só a natureza bruta, mas principalmente as proprias paixões.

O homem isolado nunca passaria da esfera zoologica em que nasceu; foi necessario o esforço e a congregação das forças de muitos homens para encetar a subida da grande escada que das condições de ser zoologico o conduz ás de ser intelligente e dominadôr das forças naturaes. Para que o summatorio de esforços se tornem util e proficuo, deviam os interessados entrar em accôrdo sob o modo de dirigir os esfor-

ços, e subordinar-se a um criterio unico, elegêr um dirigente, abdicando d'uma parte da sua liberdade individual, em beneficio da liberdade collectiva, representada pelo eleito.

Emquanto o contracto foi honrado e honestamente cumprido, o homem progredio, civilizou-se, mas infelizmente debaixo da capa de civilização, sob a forma do homem progressivo, ainda se encontra, não raro—la bête,—e d'ahi a paixão individual, o egoismo, a exploração do homem pelo homem.

É digno, é bello o sentimento do egoismo dentro dos limites que a natureza e a sociedade lhe reconhecem, mas não deve ser contravertido. —Primeiro a humanidade, depois a nação, depois a familia, e só depois o individuo—. Este ideal sublime que tantas religiões têm inscripto nas suas bandeiras, que tantos apóstolos têm prégado, e que tantos martyres illustres têm santificado com o seu sangue, está ainda muito longe de alcançar o seu venerando fim.

Esquece-se, em má hora, neste nosso bello Portugal o culto da Patria. Sacrifica-se no altar do egoismo o esforço, o auxilio, a boa vontade, a união, e até a intelligencia, para só incensar o personalismo, e o interesse!

Esquece-se de que esforços divergentes só servem para paralisar o movimento de progresso de que tanto precisamos!

Esquece-se de que esta nacionalidade arrancada ao reino de Leão pelos esforços congregados de tantos portuguezes illustres e valentes, cresceu, avultou, impoz-se e foi uma nação gloriosa sob todos os pontos de vista, e principalmente pelo seu patriotismo durante tantos séculos!

Esquece-se de que este povo ancioso de liberdade, e cheio de patriotismo, rugio, mordeu as cadeias que Castella lhe lançou, e em 1640 ergueu, qual leão furibundo, a garra com que despedaçou essas cadeias!

Esquece-se de que ha um século este povo, abandonado da realza e dos nobres, rto, faminto e cheio de patriotismo se atirou louco, furioso, contra as hostes de Napoleão o Grande, e tanto fez, tanto luctou, tanto sangue verteu, que o Grande Corso teve de retirar até Toulouse, humilhado pelos alliados!

Esquece-se de que este povo que em 5 de outubro de 1910 se bateu heroica e bravamente pelos seus deas, e guardava rto, faminto, e cheio de abnegação e patriotismo os bancos e havêres da gente rica, é ainda o mesmo povo d'outras eras, de hontem, d'hoje, e sêl-o-ha de amanhã, se o egoismo o não preventêr!

Que vento de insanias soprou sobre este desgraçado pays, que não consegue o meio de congregar todas as vontades, todos os esforços, todas as intelligencias para o bem commum, para o progresso, segurança e bem estar da Patria.

Emquanto em questões bysantinas gastamos o melhor do nosso tempo, esforços e energias, sem conseguirmos chegar a um meio pratico e viavel de satisfazer ás aspirações da nação, lá fóra, como lobos rodando em torno do redil, as nações estrangeiras ambiciosas e avidas das nossas colonias e do nosso sólo, espreitam o momento em que a nossa desordem e desorganização lhes dêem aso a uma intervenção justificada por conveniencias internacionais.

Quando em 1870 os prussianos cercavam Paris, e a communa imperava ovante dentro dos muros da grande cidade, houve um compasso de espéra nas operações de sitio; inqueria-se porque não apertavam os prussianos o cerco, porque as baterias de sitio calavam os seus fôgos, e o exercito não avançava? Porque, diziam os prussianos, porque os proprios francezes estão-nos poupando esse trabalho, e poupando soldados e munições. Lá dentro a lucta fraticida é mais feroz, mortifera e prejudicial, do que a que lhes poderiamos fazer apertando o cerco; estão fazendo o nosso jôgo!

Sirvanos de licção este triste exemplo, e lembrêmonos de que a Europa tem os olhos fitos em nós, prompta a intervir quando os nossos desmandos o justificarem, e n'essa hora tremenda da liquidação da nacionalidade, de nada servirão os protestos de emenda, as lamentações, os direitos historicos e toda a brilhante epopeia dos nossos maiores, cantada pelo immortal cantôr dos Lusíadas.

Ponhamos de parte a veleidade de cada intellectual ser infalível, e só elle ter o elixir que cura os males da patria, de só elle sabêr traduzir o pensar, o sentir e o progredir deste povo de honrosas e nobres tradições, e, escolhendo uma verêda nobre, digna e honrada, caminhêmos para o futuro que nos garanta a paz, o trabalho honesto, a liberdade e a justiça porque tódos anciamos, vênha o consêlho donde vier, contanto que venha com honra e sinceridade.

Y.

O melhor republicano é aquele que mais integralmente cumpre com os seus deveres moraes, civis e particulares.



«Alvorada»

Porque assim o quer e entende o nosso dedicado redactor principal, que julga cumprida a essencial missão que provisoriamente reclamára a vida deste semanario, reassume a direcção do mesmo, como de direito crê competir-lhe, o companheiro de redacção A. L. de Carvalho.

Não traz este facto orientação nova ao jornal, pois nem de outra carece a «Alvorada» para que como até aqui, continue honrando a terra, dignificando a imprensa e defendendo a Republica.

O nosso querido amigo capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães occupará o lugar de secretario de redacção, visto que a lide canceirosa a que nos votamos não dispensa, antes requer, a vontade igual e o trabalho intelligente de tão devotado cidadão correligionario.

«Peço desculpa!...»

Nada ha que mais nobilite o homem e mais o faça exalçar aos olhos dos seus adversarios, do que a firmeza e a coragem demonstradas na defesa das suas convicções.

E sendo isto verdadeiramente assim, facil é de calcular o amarfalhante e ridiculo efeito de certos brindes em determinado banquete, onde, numa confissão geral, quasi se pediram desculpas de se não ser republicano ha mais tempo!

E' bem certo: Nada ha que mais nobilite o homem e mais o faça exalçar aos olhos dos seus adversarios, do que a firmeza e a coragem demonstradas na defeza das suas convicções.

Epitáfios

Ha muito que parecia estar sepultada sob a lousa do esquecimento uma postura municipal referente a licenças para colocar epitáfios no cemiterio. Vae senão quando, o snr. secretario da Camara, qual noivado do sepulcro, «por entre as campas arrastando o manto»... dos emolumentos, surgiu e disse Hamleticamente: —«Para traz, sombra maldita»... das concessões e dos favores sem lucro!

E, porque está na lei, vae elle e applica a lei. Protestam os que contavam com a tolerancia d'out'ora?

Se é lei! Só é pena que não custe mais baratinha a licença dum aqui jaç.

O nosso 1.º aniversario

Por motivo da passagem anniversaria cá da gazeta, recebemos parabens, cumprimentos, felicitações e mais mimos, vindos de varias partes e procedencias. Tambem, por certo a solenisar tão faustoso acontecimento, (pois não acham?) resolveram alguns assinantes não querer mais o jornal —o que, á parte o desfavor, não é surpresa inédita nestas curvas de recibos semestraes em cobrança.

Tal contraste flagrante não obsta, porém, a que a uns e outros digâmos, um *muito obrigados*, — porque, se aos primeiros devemos uma amabilidade (a amabilidade das boas palavras) aos segundos sômos crédores duma cortezia (a cortezia dum aviso a tempo).

Está direito.

Nota oficial

—«Já ha governo! dissera na preterita a imprensa periodica, com ares de acontecimento digno.

Ora, para lustre da Republica jovem, é preciso que outra frase exclamativa se siga á primeira e esta deve ser:

—Já ha administração!

E' que semelhante frase revela, além de tudo—um estado d'alma do Paiz.

Concordam?

O arcabuz interrogati-

vo

De quando em vez, na distracção dum cigarro ou ao voltar duma esquina, desfecham-nos ao peito esta pergunta terrivel:

—Quem viva?

Ai, meninos, que pressa! Por enquanto, por ora, até vêr, a resposta será só esta:

—Viva a Republica!

E bastava, para solução do momento, que todos os portuguezes assim... vivassem. Hein?...

Elogio auctorizado

A prova mais eloquente e soberana de que a obra de Afonso Costa é grande—como grande é o seu talento—está em que partidarios distintos de Antonio José d'Almeida, como o snr. conego José Maria Gomes, não deixam de se declarar ao lado daquêl, *depois de nobre e altivamente fazerem uma apologia, condicionalmente, embora, mas calorosa á obra do primeiro.*

Já vêem que temos razão quando afoitamente escrevemos que os odios com que distinguem esse notavel homem de estado, que se chama Afonso Costa, não recomendam uma intelligencia.



Em Foco

O adubo dos pobres — eis a questão

Azeite! temos azeite! já ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!

E unidades, e dezenas, e centenas, e milhares de vazilhas de varios tamanhos e feitios, vindas de diversas partes e procedencias, descem Lages, sobem Traz-Gaia, sobem S. Lazaro, descem S. Domingos, caindo em peso, em catadupas, em ondas sobre as Dominicas, onde a Camara excellentissima retalha azeite ainda mais excellentissimo a réis, 280 o litro, 140 o 1/2 litro e 70 o 1/4 de litro — medido á vista do freguez!

Azeite! azeite! temos azeite! já ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!

E a escorrer, a escorrer como um filão que das veias da terra brotasse aloirado e precioso, 20 pipas bojudas e gôrdas se vão vando, se vão passando ás vazilhas de varios tamanhos e feitios, que uma seara de braços duma multidão fremente e ululante levanta no ar, agita no ar, apregôa no ar, como numa apotóse de fartura e abastança ha tanto tempo apetecida!

Azeite! azeite! temos azeite! já ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!

Por toda a parte, ruas e casas, onde duas pessoas se vêem; nos estabelecimentos, nos cafés, nos clubs, nas igrejas, no mercado, nos talhos, nas fontes, por toda a parte, repetimos, o grande assunto, o grande acontecimento, o grande caso, o caso do dia é — Azeite! azeite! temos azeite! já

ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!

Lampadas devotas apagadas! Caldos magros da choupana! Nostalgias talhas e almotolias — alegrae-vos! Chegou o azeite á terra!

E' uma obcecação e é uma teimosia!

Pelo telegrafo e pelo telefone; pelo correio e ao ouvido; nos *post-scriptum* das cartas e nas despedidas de gare; nas ultimas ordens á creada e no «á ultima hora» dos jornaes; ao deitar e ao levantar, só se pensa, só se fala, só se escreve — Azeite! azeite! temos azeite! já ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!

E todos, numa carreira de formiga canceirosa e atarefada, deixam perceber egoistamente... que vão ao azeite! que veem do azeite!

Não se calcula! só visto, só presenciado! Cuidado absorvente e tiranico, tudo a correr p'ró azeite, o azeite a escorrer p'rás vazilhas — vazilhas de varios tamanhos e feitios, vindas de diversas partes e procedencias, e Deus sabe até quando e até onde, se a crise que mortifica, se a crise que consome, se a crise que mata, se a crise que alastra sobre o pobre, presaga e fatal, semelhante a uma nódoa de azeite surpersticiosa e agoirenta que se derramasse.

Valei-nos ó olivães tristes e doloridos! ó colheitas prometedoras!

Porque, embora se grite — azeite! azeite! já ha azeite! viva o azeite! chegou o azeite á terra!... a verdade é que elle é uma gota, uma lagrima, um «olho» de azeite no caldo magro dos desgraçados...

Alvízaras

Dão-se a quem disser em que parte do globo se encontra o nosso B. dos V. da R.

Não somos nós que temos a indiscreta curiosidade de saber do desconhecido: E' um colecionador de coisas raras.

Um padre... que não deixou de ser homem

Morreu o padre Casimiro, do Hospital! Figura marcante e original, o padre Casimiro foi um padre popular e simpático que honrou a sua passagem sobre a terra, pois, a despeito d'aquella rudeza característica que tanta austeridade lhe imprimia, revelou sempre um fundo de bondade e de grandeza moral invulgares.

Desempoeirado de preconceitos e mentiras sociaes, o padre Casimiro teve a nobre coragem de constituir familia, não se envergonhando de falar de «seus filhos» num meio onde as convenções religiosas os não deixam reconhecer a quem uma vez abriu a tonsura.

Grande espirito de observador, era um velho que sabia toda a arte da graça alacre e viva, deixando, das suas horas de bom humor, ditos e passagens que, agora que elle morre, o recordam, tornando a sua memoria querida.

A' familia e, em especial, aos seus filhos Acacio e Alvaro Casimiro, o nosso pezar sentido.

EXPEDIENTE

A todos quantos enviamos o jornal e o não queiram assinar, é favor devolverem-nos certos de que mais favor é aceitarem-no.

Centro Republicano

Assembleia geral

Por me haver sido pedida pela Direcção, convido os socios d'este Centro a reunirem em assembleia geral, domingo, 26, pelas 8 horas da noite, para tomar conhecimento da attitude do representante ao ultimo Congresso do Partido, e, consequentemente, resolver sobre a legitimidade do Directorio eleito.

Guimarães, 23 de Novembro de 1911.

O presidente da assembleia geral,

(a) Guilhermino A. Rodrigues.

Por absoluta falta de espaço (o que raras vezes nos succede) não se publica hoje a Cronica de Vizela e outros artigos, do que pedimos, como é de uso, desculpa aos seus autores.

Pela verdade!

EM DEFESA DA CAMARA

Protestava-se, gritava-se que não havia azeite, que a Camara desta cidade não protegia os interesses dos seus munícipes, reclamando-o, como por outras partes se estava fazendo. Vae a Camara, manda vir azeite, insta com o Mercado Central para que lhe mande azeite.

Chega, enfim, o azeite! A Camara pensou em distribuí-lo, pensou na melhor forma de o fazer, e, se um momento lhe veio á ideia vende-lo aos *logistas*, a verdade é que, olhando ao que se dava noutras terras com essa forma de distribuição, recuou, pois os mil e um expedientes do comerciante em nada protegiam as intenções de alcance e auxilio público, antes contrariavam esses fins que a Camara tinha em vista. Assim, pois, propôs-se a Camara vende-lo ao publico, sem intermediários, e logo umas certas vozes se erguem clamando:

—A Camara atenta contra os legitimos interesses do comercio!

E mais se disse, e mais se propalou, ousando-se comprometer e desvirtuar a generosa iniciativa sob a enganosa affirmacão de que, se a Camara mandara vir azeite, não fora para beneficiar o publico, mas para obter lucros, computando-se os mesmos, desde logo, em reis 800.000! E tanto assim é, concluiam judiciosamente, — que até «roubam» á medida e teem vendido quantidades maiores para «amigalhotos»! O cumulo da intriga e má-língua!

Pois sem procuração da Camara e sem embaraços de qualquer ordem para uma apreciação justa, tanto mais que em muitas occasiões temos aqui mesmo censurado actos da actual vereacão, não somos nós quem deixamos de verberar esses «criticos» injustos e caluniosos.

1.º—Ha efectivamente lucros, mas esses pensa a Camara em dar-lhe applicação especial de immediato interesse beneficente.

2.º—Se uma ou outra quantidade de azeite tem sido mal medida, o que é discutivel, deve-se, sem duvida, esse factio á pressa com que o serviço tem de ser feito.

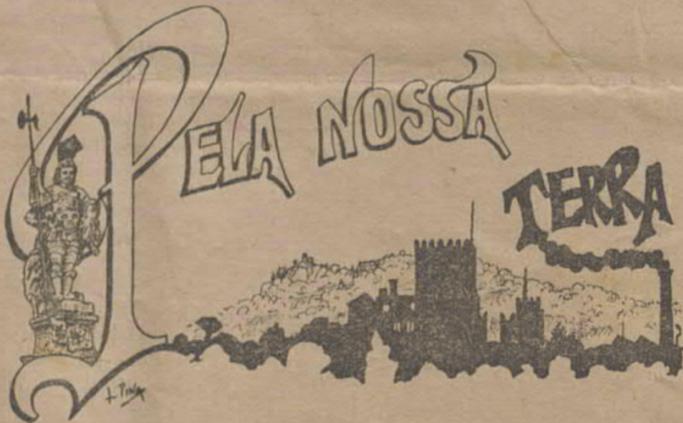
3.º—Não se tem servido com quantidades maiores alguns «amigalhotos», a não ser como, por exemplo, satisfazer destes pedidos da mais elemental filantropia social:

«Rosa Amalia Ribeiro de Faria, Directora do Asilo de Santa Estefânia, pede o favor de dar 2 almudes de azeite para o mesmo asilo.»

Ficam assim satisfeitos os taes «criticos» que pretendem... beber azeite?

Ora vá, penitenciem-se e digam comnosco:—Parabens excellentissima commissão administrativa de Guimarães! Parabens!

Lembramos a conveniencia de se augmentar o numero de medidores e de se montarem postos de distribuição em Vizella, Tarpas e outros centros de população do concelho para melhor distribuição deste beneficio.



Como a gente se aborrece onde não ha sociedade

O titulo ficou grande e parece complicado. Explica-se facilmente e com a sua explicação literario-noticiariesca arranja-se o artigo, que é offerecido ao pacifico leitor vimaranense.

Desde já, porem, se avisa de que se vam dar alguns beliscões, o que não nos impedirá de chegarmos ao fim todos no melhor accordo, sobretudo os beliscados.

Era uma vez um advogado chamado Paileron (lê-se Pálheron), que tinha tanta clientela como muitos advogados das varias partes do mundo que não teem nenhuma. Com o tempo que lhe sobrava das occupações profissionais, apenas vinte e quatro horas em cada dia, escreveu algumas comedias e, entre ellas, uma excellente, representada na *Comédie-Française—Monde où l'on s'ennuie* — que, traduzida e com o nome — *A sociedade onde a gente se aborrece* — appareceu, com geral agrado, no antigo theatro D. Maria.

E' uma graciosa sátira a certos costumes de salão nobre, com a inevitavel pragmatica da velha

aristocracia, o não menos inevitavel mas quebradiço pudor britanico, o talentoso philosopho eclecticico, que recita como um actor o que pensa e pensa como um egoista, que oportunamente comprehendeu o drama da vida...

Certo que a gente se aborrece nessa como em qualquer outra sociedade. O homem aborrece-se de tudo, incluindo as mulheres que amou. Não menos certo, e aqui principia o artigo, que muito a gente se aborrece... onde não ha sociedade.

Em Guimarães, por exemplo. A gente mora aqui, tem a sua casa, a sua vida, as suas relações e o seu dinheiro ou, o que é mais vulgar e por isso menos sympathico, a sua falta de cobres, e já é ter alguma coisa. Levanta-se de manhã (a gente em Guimarães, como reaccionaria, segue ainda o primitivo uso de se levantar de manhã, almoça (quando não almoça mata o bicho), trabalha, janta ao meio-dia ou ás quatro e continua a trabalhar. Mas vem a noite. Quer descansar um pouco, retemperar o espirito. Apetece-

lhe uma distração, conversar, rir — que é toda uma hygiene. Não pode: porque não ha sociedade. Onde ir se, mesmo, para ir onde se mandam os outros, não precisa, a maior parte das vezes, de sair de casa? Que fazer? Com quem conversar? Eis o problema insolúvel...

E' domingo. Chove. Lojas fechadas. Os sermões rareiam. Onde ir, que fazer?! Um longo bocejo trepida na cidade. Sam algumas mil bocas escancaradas, fazendo, das nove da manhã ás nove da noite, esta coisa realmente pitoresca, divertidissima e horrivel—haa, haa, haa!...

Então as nossas pobres meninas! Para ellas existe no mundo o unico espectáculo da sua janela. Ali murcha a sua juventude, o seu amôr, como um crayo abandonado no velho caco duma panela. Infelizes meninas. Que será dellas se um dia tiverem a desgraça de conhecerem a vida! Como se sentirão perturbadas quando lhes falar outro homem que não seja o pae ou o irmão. Mistura-se a ignorancia e o recato e faz-se esta innocencia de vidro, recessa, incerta e fragil...

E os nossos bachareis? Onde se metem esses meninos bonitos que se gastaram em Coimbra a procurar o verdadeiro canudo da carta de formatura? Gostam de ler os jornaes, mas não conversam. Conversar é comprometer a opinião e o resultado genial de todas as suas canceiras, a coisa mais positiva que sabem mais positivamente é — que não ha nada melhor no mundo que não ter opinião, ou ter sempre a opinião dos outros: tanto faz. Quando, pelo Natal, estreiam o sobretudo novo, dam a volta ao Tournal e darão agora a volta ao jardim por ter sido o jardim posto fora do Tournal.

Assim se tem vivido e continuará talvez a viver-se — mas detestavelmente. A gente aborrece-se. O aborrecimento apressa a velhice do espirito primeiro e depois do corpo. E', no commerciante, a paralisação do negocio, a fallencia; na senhora casada a irritabilidade-espantallo ou o desejo pueril de romper com a mesmice de toda a hora por um acto invulgar; em ti, casta donzella, o suicidio; e em vós, pacatos amigos, o vicio. Escrevi o vicio e escrevi a verdade.

Caiu uma badalada no relógio da Oliveira. Sam oito e meia. O Tournal acabou de ceiar: apagaram-se as luzes no terceiro andar.

O frio aperta. E' mais denso o nevoeiro.

Longe palpita ainda o pregão dos jornaes:—O *Seculo* e o *Mundo*.

Perpassam na sombra figuras hesitantes, apertadas contra os muros. Na esquina do Proposto, junto á estrada, o risonho olho de luz da casota do guarda espreita gulosamente. As lojas vão fechando. Até amanhã, adeus! E' a vida — um dia a menos, uma noite a mais...

Z.

PELA ESCOLA!

Continúa andando á «gandaia» a rapaziada e a raparigada escolar de Vizela, porque está fechada a escola. Já não vale a pena lembrar que o edificio onde esta se encontra instalada não está em condições de hygiene; simplesmente o que importa agora é que abra a escola — para vêr se temos mais em Vizela quem leia a «Alvorada».



MARAVILHAS DA ARTE ANTIGA
XVIII

Roma

O Pantheon, «todos os deuses», foi mandado erigir por Agrippa, ministro de Cesar Augusto, no anno 27 da nossa era, depois da batalha naval de Actium em que foi vencido o seu competidor Antonio, para commemorar a paz universal em todo o imperio romano. Tem este altertoso templo a fórma circular primitiva da casa de Rómulo, fundador de Roma, e do templo de Vesta, a deusa protectora da cidade eterna. Nos seus muitos nichos existiam os diversos idolos em ouro, prata e bronze, e o seu interior, de fórma circular, é magestoso, ornamentado de numerosas columnas corinthias de precioso marmore e friso de pórfiro.

Adaptado a igreja christã no anno 610, tem a fachada rectilinea com um magnifico perystilo de columnas monolithas de marmore de mais de treze metros d'altura, que supportam um frontão onde havia um figurado de bronze; mas a originalidade d'este famoso templo consiste na sua arrojada cupula, de quarenta metros de diametro, aberta no alto por uma janella circular de nove metros, unica que illumina o interior.

As thermas de Caracalla, a mais monumental das thermas que ás centenas existiam só em Roma, foi mandada edificar pelo imperador Caracalla, subsistindo hoje apenas confusas ruinas; mas sabe-se que n'ella havia seiscentas cadeiras de marmore para os banhistas, duas piscinas de fórma circular e rectangular, de trinta e oito metros de diametro e de cincoenta e seis metros de comprimento, uma gleria longitudinal de trezentos e sesenta metros, columnas altas de quatorze metros e fachada de dois andares de porcos.

Estas thermas eram rodeadas de muitas construcções de utilidade, como restaurantes, bibliothecas, gymnasios e jardins de recreio, cuja pratica dava aos romanos a supremacia phisica e intellectual.

Outras ruinas notaveis se admiram em Roma, como o theatro de Marcello, mandado construir por Augusto César, com duas ordens de columnas sobrepostas, doricas e jonicas, em voga na Renascença, e cem metros de fachada semi-circular, que continha deseseis mil espectadores; o Arco de Tito, architectura triumphal, puramente romana, para perpetuar a memoria de alguns imperadores, por meio de legendas e esculpturas, dedicado a Tito, vencedor de Jerusalem,

obra monumental, que tem servido de modelo a outros arcos do genero, como o da Estrella, em Paris; o Arco de Septimio Severo, de tres arcos, dos quaes dois mais pequenos por ser dedicado tambem a seus dois filhos, com bellos baixos relevos representando combates com os Orientaes, Parthas e Arabes, ignorando-se o destino que teve o carro de guerra cercado de cavalleiros e de Victorias, conduzindo o imperador e seus dois filhos Caracalla e Géta, tudo em bronze; columna de Trajano, em marmore branco, erigida em memoria da conquista da Dácia, a qual esteve soterrada durante seculos e ficou restaurada em 1813, em que foi substituida a estatua do imperador pela de S. Pedro, sendo substituida por trinta e quatro grandes blocos de marmore, formando interiormente uma escada em espiral á altura de quarenta metros, e, exteriormente, no fuste, por vinte e duas voltas em espiral, com baixos relevos, em que duas mil e quinhentas figuras primorosamente esculpidas representam aspectos das campanhas festejadas e um archivo precioso e unico de costumes militares da epocha—monumento este que encima o subterraneo onde uma urna de ouro encerra as cinzas d'aquelle imperador e cujo estylo foi aproveitado para a columna Vendome, em Paris; e a columna de Marco Aurelio, conhecida pelo nome de Antonina, analoga á de Trajano e celebrando as suas victorias na Germania.

Não menos notaveis eram as catacumbas de Roma, formadas pelas galerias subterraneas, ou pedreiras, fóra de Roma, onde os christãos, fugindo ás perseguições ferozes dos imperadores, se refugiavam para exercerem, sob mysterioso culto, as suas praticas religiosas da nova doutrina de Christo. São extensas e numerosas essas catacumbas, abertas em varios sentidos e alturas, as mais importantes das quaes são a de Domitilia, de Calixto e de Pretextato, com jazidas tumulares de um e de outro lado, onde eram recolhidos os despojos dos martyres, e se lhes executavam dedicatorias ou allusões á biblia e ao christianismo, com bastante correcção ao gosto da epocha, em pintura a fresco ou em baixo relevo, como a «Arca de Noé», «Jonas sahindo da bocca da baleia», o «Bom Pastor», o «Menino Jesus e sua Mãe», tudo vestido em discordancia com a arte pagã.

C. P.

REPORTAGEM

Dr. Paulo Falcão

Esteve nesta cidade, no dia 20 do corrente, o snr. dr. Paulo Falcão.

O illustre cidadão retirou no mesmo dia para o Porto.

Incêndio

Pelas 4^h da manhã de segunda-feira, algumas torres deram sinal de incêndio, vendo-se um enorme clarão para os lados de S. Jorge, parecendo que ardía alguma fabrica ali.

Atrelado o gado a uma bomba seguiram para ali com o seu bravo commandante os nossos bombeiros, que, depois de uma peno-

sa viagem por caminhos intransitaveis e com tempo chuvoso, foram dar á quinta do Queimado, pertencente a Clemente Ribeiro d'Abreu, em S. Martinho de Candoso, onde ardião as côrtes e a barra da mesma, que ficaram destruidas, calculando-se os prejuizos em cerca de oitenta mil réis, que não estavam seguros.

Depois de prestarem os seus bons serviços, regressaram os bombeiros ás 7^h, extenuados pela escabrosidade do caminho, que só a sua reconhecida dedicação podia ter vencido.

Uma róca incendiada por uma candeia foi a origem do fôgo.

Benção de bandeira

Em assembleia geral extraordinaria, de 12 do corrente, foi fixado o dia 10 de dezembro proximo para a inauguração do formoso estandarte dos operarios cortidores e surradores desta cidade, a qual consiste, atentas as grandes despesas com elle feitas, em missa resada em S. Francisco, mandada celebrar pela caixa de socorros, sofragando a alma dos socios falecidos, seguindo-se a benção da bandeira e uma palestra entre os associados na sede da Associação, que á noite estará embandeirada e iluminada.

Que ella simbolise por muito tempo uma indústria próspera e profundamente local e uma classe merecedora, pelo seu trabalho e conduta, da estima dos vimaranenses e da consideração do Estado, são os votos que sinceramente fazemos.

Lavadouro publico

Foi encarregado de apresentar um projeto das alterações a fazer no lavadouro publico do Largo da Republica Brasileira (Campo da Feira), o nosso amigo snr. José Ribeiro de Freitas, vereador municipal.

Consórcio

Realisou-se, no dia 19 do corrente, o consórcio da snr.^a D. Laura Machado, professora oficial de S. Pedro de Azurém, com o snr. Henrique de Matos, professor na escola central.

Fallecimento

Faleceu, ha dias, a snr.^a D. Maria da Soledade Ribeiro Teixeira. Os funerais tiveram logar na igreja da O. T. de S. Francisco. A familia enlutada os nossos pezames.

Nomenclatura

Numa das ultimas sessões camararias foi deliberado modificar os nomes ás ruas de S. Sebastião e Nova do Comercio, ficando respectivamente designadas por Dr. Bento Cardoso e Egas Moniz.

Bom patriota

Pelo nosso conterraneo snr. Luiz Antonio Pereira foi entregue á comissão de melhoramentos da Penha a importante oferta de um conto de réis para as suas obras.

Os nossos louvores a tão prestante vimaranense, cujo exemplo, a ser seguido por quem tambem pôde, seria o necessario para a transformação tão desejada daquelle imponente montanha, da qual depende avultado quinhão no futuro d'esta terra.

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos; enviemos a sua prosa, seja como fôr,—contanto que nella se defenda um principio justo, razoavel, humano, attendivel.

Bellezas da Instrução Primaria, em Guimarães

(Continuação)

Implantada a Republica, appareceu o histrião citado neste redondel a querer introduzir a rotativa mão esquerda aonde já, em ominosos tempos, se alambazara com a direita, a querer baldrocar na praça publica as suas vistosas qualidades disfarçadas pelas muitas camadas de massa viscosa a encobrir-lhe a pelle fortemente galvanizada a estanho sem liga, para que, quem o desconheça, não possa perceber a corrupção da sua alma nobilitada pelo estendal aqui exposto e que é um delicado primôr para os archivos policiaes, com retrato sem dedicatória.

Lá o vimos na comitiva com o seu caracteristico trajó d'arlequim de feira, de Dulcamara eximio, a tentar alapardar-se á sombra do dr. Antonio José d'Almeida, como se este dedicado chefe republicano não viesse acompanhado por Carvalho Mourão, para afastar de si a grossa matulagem atacadada até aos gargomilos.

Mas o illustre caudilho, sempre affavel e sorridente, de olhar meditativo e perscrutador, conhecendo melhor do que nós a chronica d'estas aves, diria de si para si:—Que vergonha! Que nojo me causa esta especulação torpe de consciencias, rendidas a estomagos insatisfeitos de tanto comer sem pagar! E eu que tão facilmente podia evitar este espectáculo degradante se tivesse dado o andamento preciso ás queixas dum contrabando de pontos nos ultimos exames do 2.^o grau!...

«Entrez, entrez, Messieurs.»
«Mais... mais... a porta é fermé para aquelles que deixaram de processar as despesas de renda de casa, de limpeza, de promoções a classe, das quaes muitas verbas, ainda estão por pagar ha 5, 6 e mais annos.

E' deprimente e desolador, não só para a dignidade da classe, como para a Instrução official, em defeza da qual ninguem sae a tomar providencias!

(Continúa)



Sessão ordinaria de 8 de novembro de 1911

Presentes os cidadãos vogaes Mariano Felgueiras, Martins, Ferreira Guimarães e Leite da Silva, sob a presidencia do respectivo presidente o cidadão José Pinto Teixeira d'Abreu.

Lida, aprovada e assinada a acta da sessão ordinaria anterior, pela uma hora da tarde foi, pelo snr. presidente, declarada aberta a sessão.

O snr. presidente trouxe ao conhecimento da comissão, que, diferentes negociantes de mercearia, desta cidade, lhe tinham peticionado verbalmente para que a Camara, do azeite que fez aquisição por intermédio do Mercado Central de Productos Agricolas, lhes distribuisse uma parte para a vendagem aos seus freguezes, considerando o prejuizo que soffrem com a falta deste genero, não obstante pagarem á Fazenda Nacional as suas contribuições industriaes por meio de avença.

A Camara tendó na maior consideração os interesses legitimos do comercio deste concelho, mas, atendendo a que lhe cumpre acima de tudo zelar os das classes menos favorecidas da fortuna; e atendendo tambem a que o prejuizo para o comercio retalhista é de relativa insignificancia comparado com o beneficio que esta Camara assim dispensa aos seus muncipes; atendendo mais a que assim se tinha deliberado já anteriormente a que a fiscalisação da venda do azeite, sendo este cedido aos retalhistas que o são em numero extremamente consideravel, seria improfiqo senão até impossivel: delibera manter a sua anterior resolução. Deliberou mais que se dirigisse uma representação a Sua Ex.^a o Snr. Ministro do Fomento, pedindo-lhe para que sem prejuizo do azeite já adquirido por esta municipalidade, ordene que seja fornecido o que foi requisitado pelos retalhistas deste concelho, nos termos do decreto de 23 de setembro de 1911.

(Continúa)

Regimento d'infantaria n.º 20 Annuncio

O conselho administrativo d'este regimento faz publico que no dia 4 de dezembro proximo, pelas 12 horas do dia e na sala das suas sessões, se ha de proceder á arrematação em hasta publica para o fornecimento dos concertos «materias primas e mão d'obra», no calçado das praças d'este regimento e suas adidas, durante o anno de 1912.

As propostas, organisadas conforme o modelo junto ao caderno de encargos devem ser entregues até áquella hora na secretaria d'este conselho, acompanhadas da quantia de 20\$000 reis, como caução provisoria.

A caução definitiva será de 5% do valor calculado do fornecimento.

As demais condições, o caderno de encargos e o regulamento para a formação de contractos em materia de administração militar acham-se patentes na secretaria d'este conselho em todos os dias uteis, desde as 11 horas da manhã até ás 3 horas da tarde.

Quartel em Guimarães, 19 de novembro de 1911.

O secretario do conselho administrativo,
Joaquim Rodrigues de Paiva
Tenente d'infantaria 20.

ANTIGA LOJA DO BENJAMIM

DE

Benjamim de Mattos—Toural, 105—GUIMARÃES

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão. Fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, camaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.

PREÇOS BARATISSIMOS



A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a pezo e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 reis.

Sempre saldos de occasião

==== CUIDADO COM OS FALSIFICADORES DE FIRMAS =====

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspendios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

Cache-cols—Sapatos de borrhacha

Agente da casa de capimbos de borrhacha de JOÃO M. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independência, 9—GUIMARÃES

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

Luiz de Pina

Rua de Payo Galvão

(Em frente á Sociedade Martins Sarmento)

==== GUIMARÃES =====

Serralheria meçhanica e civil

Premiada em 1.ª classe na Exposição Industrial de 1884 e Agricola de 1910.

Grades, portões, cancellas, cofres e fogões, modelados pelo que ha de mais artistico no genero.

Bombas, noras, tubagens, latadas, prensas para lagares, etc.

LOUÇAS, VIDROS E CRYSTAES

NACIONAES E ESTRANGEIROS

Sortido de serviços para jantar e para chá; serviços para lavatorio jarras, bijuterias para brindes, louças avulso, etc.

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno 1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha 40 rs.
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão